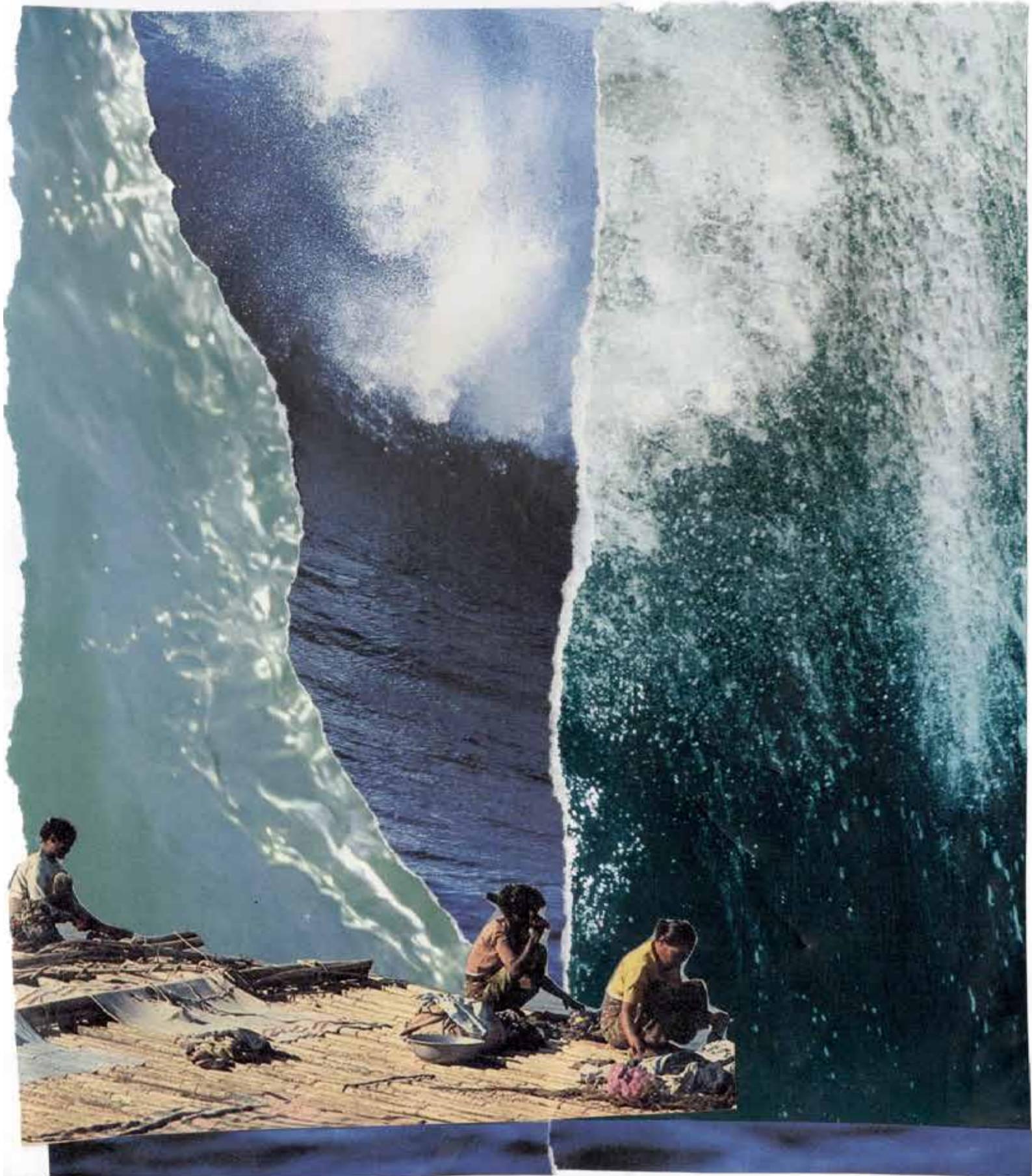


todas
escreveremos



Do amor e seus (en)cantos

Organizadoras

Camila Alexandrini

Bruna Morelo

Diagramação

Lis Bortoli Henz

Capa

Adriana Pereira Kury

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Do amor e seus (en)cantos [livro eletrônico] /
organização Camila Alexandrini, Bruna
Morelo. -- Porto Alegre, RS : Fora da Asa -
Experiências Plurais, 2023. -- (Coletânea de
escritas de mulheres)
PDF

Várias autoras.
ISBN 978-65-85262-02-6

1. Mulheres na literatura 2. Poesia brasileira -
Coletâneas I. Alexandrini, Camila. II. Morelo,
Bruna. III. Série.

23-181698

CDD-B869.108

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Antologia : Literatura brasileira
B869.108

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Apresentação

Esta é uma apresentação-questionamento.

Talvez você encontre algumas respostas aqui nessa linda coletânea escrita por mulheres que amam, talvez não. O que importa é a busca e para onde vamos para buscar.

Estudar o amor pode parecer algo frio, distante do sentimento que nos aquece. Mas é necessário aprender novos amores. Novas visões e novas histórias sobre amar. Descentralizar o amor, deslocá-lo, para traçar novos caminhos, se assim desejarmos.

Como (re)entender e (re)inventar o amor? Qual amor? Quantos amores?

De onde vem esse sentir que pode ter tantos significados? O amor tem limites? Por que amamos?

O amor é local. Teu amor é ocidental?

Quem ama quem? Quem pode amar? Quem é amada(o)?

Quem define o amor? Quem faz as regras do amor?

Pra onde vai o teu amor? Pra quem tu direciona o teu amor?

Qual é a cultura do teu amor? Quem conta as histórias de amor?

O amor pode ser cura e acidente. O não é amor é fatal.

Ouvir e ler vozes de amor para ampliar o amor, pois quem constrói o amor somos nós.

Nós Coletivo. Não indivíduo.

Continue amando e boa leitura.

Bruna Modelo e Camila Alexandrini
Oficineiras e Organizadoras



SUMÁRIO

Aline de Moura Rodrigues	5
Ana Luiza Zanella Verza	6
Ana Paula Fagundes	7
Bárbara Bastos	8
carol stranzke	9
Carolina Prola	10
Emily Garcia	11
Gabriela Rabello	13
Hellena Leão	17
Juliana Oru Melo	18
Madalena Junges	20
Marize Vargas	22
Meire Brod	23
Melissa Costa Danda	25
Michele Leguiça	26
Milene de Oliveira Bordignon	27
Neyla Machado	29
Ohana Homem	30
Paulina dos Santos Gonçalves	31
Pri Cezaro	32
Salette Pinheiro	33
Vanessa Silva Cunha	34

Não aprendi a dizer adeus

Era uma tarde de verão em Porto Alegre e aquele conhecido caminho entre Viamão e a Estação Aeroporto do Trensurb, nunca foi tão bonito de cruzar.

Agora, olhando com as lentes do tempo, faz tanto sentido aquele frenesi todo pelo reencontro. Entre Fortaleza e Porto Alegre, foi se tecendo uma rotineira forma de estar uma na outra. Mesmo assim, nunca aprendi a dizer adeus. Será que por isso chorava tanto quando ouvia essa música na infância?

O coração explodiu no peito quando viu que Ela chegava. Com sua blusinha cor de rosa, cabelos soltos e castanhos, na altura dos ombros. A antiga calça jeans, já cansada de tantas cheganças e partidas.

A outra não pensou em mais nada. Se lançou, correu, pulou a roleta que dava acesso ao aeroporto. Criou sua própria cena de filme. Chorou enquanto se beijavam. E mal sabia, não podia imaginar que aquela seria uma das últimas cheganças dela.

Agora esta cena habita a ponta da caneta e gera sempre um suspiro de amor. Ela, a amora, já não existe mais. O amor dela, sim.

Aline de Moura Rodrigues



Eu fui em uma viagem
Sem ticket, sem planos, sem estadia
Nem sabia para onde ia
Sem mala, mas com bagagem
Com o amor de companhia

O vôo calmo transformou-se em turbulência
Mas assim são os vôos, nem entendi minha surpresa
Te tiram do chão, te levam pra longe
Te viram a cabeça
Fazem pousos de emergência
E você pode até sair viva, mas nem sempre ilesa

Enquanto eu voava cada vez mais alto
Sentia que havia um outro avião
Dentro de mim, perdendo altitude no meu peito
E quanto mais árduo o caminho
Mais eu misturava dor e desejo

Se eu pudesse voltar atrás, iria novamente nessa viagem
Só para pousar, respirar ar puro e exclamar:
“Puxa, cheguei, mas aqui não quero ficar”
E iria embora mais uma vez
Porque só pude partir sabendo o que sei
Depois de ver com meus próprios olhos, sentir com minha própria pele
E, finalmente, ir embora com meus próprios pés

Porque nenhuma viagem é para sempre
Nenhum destino é igual
Nem todo caminho é sinuoso
Nem todo vôo é turbulento
Porque também há barcos, há carros, há trens
Porque se antes o caos me tinha
Agora a paz me tem

Ana Luiza Zanella Verza

Você dizia que me amava, mas me aprisionou nos teus desejos, despertando a minha insegurança e fazendo uso dela para o teu proveito. Eu, a "feia", a última a ser tirada pra dançar, a última a namorar, acreditei. Teu ciúmes exagerado, tua desconfiança, tua vontade de sexo, sem se importar se eu queria ou não, me envolveram por alguns anos. Descobri mais tarde que amor não era assim. Aproveitei as experiências que tive preenchendo minha capanga para as próximas aventuras. Cicatrizes? Ficaram para trás. Fazem parte das histórias que posso contar para quem percorre esta trilha infinita em busca do amor. Para que não caiam nas armadilhas. E hoje? Ah, hoje meu filho, cada vez mais, se necessário for, é a chapeuzinho que come o lobo mau.

Ana Paula Fagundes

Presas fáceis

Eu queria comer uma banana, mas banana não há. Eu preciso me hidratar, mas não bebo água. Daí o mijo escorre amarelo mostarda e fétido. E há dias nos quais me sinto assim, fisiologicamente incapaz e inútil. Eu não sei dizer, talvez o problema tenha sido terem introduzido em nós essa pressa, a devoção pelo áudio 1.5x; esse ter que fazer algo sempre e para sempre, para que cada dia seja preenchido com uma infinita lista de tarefas que não podem acabar, porque fazer nada, não ter nada para se fazer, é a antessala da morte ou da velhice, que para nós é uma espécie de morte de qualquer forma.

Comento uma coisa. Eu nunca vi um verme em uma rodela de limão, mas já os vi na goiaba e nos cogumelos. Eles têm um apetite por comidas suculentas e deliciosas, tal como a gente. Eu me sentia ofendida, um nojo tremendo. Veja; eu antes tinha a tendência de seguir a rota que eles faziam, pelo minúsculo buraco que deixavam na casca, ia seguindo uma linha imaginária e realizava um corte, uma incisão precisa com a faca. E lá estavam, rastejantes, desavisados. Cortava um outro pedaço da fruta e cuidadosamente, com a ponta da faca, repousava o verme no outro pedaço. E então jogava no lixo o verme e a fração da fruta. Mas tudo isso me pareceu muito injusto após algum tempo, passei a ter pensamentos, me vinham cenas do próprio verme soterrado em um aterro qualquer.

Mas ainda assim eu queria comer goiaba. Em Minas, em Julho, fazemos a goiabada no tacho. Pensei em quantos vermes, inadvertidamente, paravam naquele caldeirão de açúcar cor de sangue. Foi aí que dei por mim. Melhor comê-los, dar a essas criaturas uma morte mais digna, ou uma vida com mais sentido. Não me leve a mal, isso de dar sentido às coisas é algo humano demais, mas estou convencida de que em algum lugar o verme sente medo, prazer, e até mesmo motivação e cansaço. E por isso comer suas minúsculas existências é uma forma de amor.

Bárbara Bastos



acolher a minha própria solidão
me reconhecer nesse mistério que é habitar o meu corpo
entender que os BOs de hoje não vão ser os BOs da semana que vem
e não num sentido de desespero que a fonte dos BOS não esgota
mas na calma que é lembrar que a dor de hoje pode não ser mais sentida amanhã

nesse lugar que tenho morado nos últimos 29 anos
às vezes eu cuido, limpo, organizo
nutro com palavras-abraço
e às vezes negligencio, abandono
deixo enrijecer e pegar pó

sair da depressão é lutar para que os dias-carinho sejam mais duradouros que os
dias-abandono
conseguir sair da cama
engolir mais pílulas do que gostaria
colocar meu corpo pra dançar
liberar o riso que por muito tempo ficou trancado no mesmo lugar que moravam as
lágrimas
transbordar no papel, nas paredes, nas roupas
no universo ao meu redor
e no universo que é ser e estar eu nesse planeta

entenda que quando libero minhas gargalhadas
quando sinto meu rosto molhar a partir da fonte que são meus olhos
quando grito
quando faço careta
é porque me sinto vive
e sentir a intensidade que é habitar esse corpo de carol
é cada vez mais sentir
e perceber
que depois de tanto tempo
finalmente estou em casa.
pra poder então chamar de lar

carol stranzke

Te amei ontem
Te amo hoje
Te amo amanhã
Te amo até segunda
E te amarei por mais uma semana

E então
Tua gostosa ausência
Se fará
presente

Dança
Riso
Saudade
Choro
Esquecimento

Cheirarei o café
Amarei de novo
Um outro
Cheirarei uma flor

Só então te desejarei
Por mais uma semana
Antes de te amar de novo ontem
Do cair ao subir do sol
De antes de dormir

Carolina Prola



Escrevo o amor

Escrevo o amor
como quem morre de saudade.
Como Belchior cantando coisas do Norte.
Como "Canção do Exílio", de Gonçalves.

Escrevo o amor
como quem conta um segredo.
Vivências tão íntimas
compartilhadas sem medo.

Escrevo o amor
como quem faz arte.
Lápis de cor, pincel, tinta guache.
Et voilà! Minha musa em imagem.

Escrevo o amor
como quem luta por justiça e igualdade.
Punho cerrado, peito aberto, afetos diversos:
cor, classe, orientação, credo.

Escrevo o amor
como quem sente muito e entende pouco.
Como quem busca movimento na permanência
e sabe ser presença mesmo na ausência.

Escrevo o amor
como quem compõe uma canção.
Em cada nota, acorde e refrão
a harmonia perfeita entre razão e emoção.

Escrevo o amor
como quem canta em karaokê.
Dê um rolê e você vai me ouvir em muitos decibéis:
"eu sou amor da cabeça aos pés".

Escrevo o amor
como quem lê durante o sexo.
Um corpo-verso declamado
com a minha língua-verbo.
Escrevo o amor que é,
era e o que nunca vai ser.

Escrevo sem garantias de que alguém vá ler.
Mas esse é o risco de amar e querer escrever.

Emilly Garcia



Porto Alegre, 22 de agosto de 2023.

Queria te escrever,
Mas escrever eu não posso.
Infelizmente nas nossas lutas, te disseram que eu não sirvo
E também disseram que contigo eu não posso.

Queria te escrever,
Mas escrever eu não posso,
Vi coisas que me machucaram e revidei, parti
Mas hoje voltei, estou aqui,
No mesmo local em que te vi.
Por favor, você me promete que na próxima vez
Nós poderemos fugir daqui?

Queria te escrever,
Mas escrever eu não posso.
Ainda fecho os olhos e penso em noites que nunca serão nossas
Noites que seriam valiosas,
Mas infelizmente eu não estou onde é preciso,
Nem estou nas suas apostas.

Apostas que valeriam ao menos para que eu vivesse,
Um pouco do que nos foi negado,
Negados a nós de cor,
E negado aos outros,
Por isso eu sei que infelizmente remamos,
E seguimos,
Indo,
Na raça e na esperança
De mudar o que nos foi colocado,
Cada um da sua forma, cada um com a sua luta.
Mas porque nenhum de nós muda?
Será que realmente precisamos deles para ser felizes?

Queria te escrever,
E dizer que torço por você.
Se a sua beleza você não viu,
Queria te dizer que
Desde a primeira vez em que te olhei,
Achei o seu sorriso lindo,
Lindo, e o teu cristal me mostrou essa pessoa profunda,
Com as marcas e histórias ocultas,

*Não visibilizadas, Impuras,
Mas que reverberam
De alguma forma na sua escuta
E também no seu toque.
No seu silêncio que foi feito,
Durante todo esse tempo,
Para sentir um pouco menos de culpa.*

*Queria te dizer,
Que a primeira vez que eu te escutei
Eu realmente me encantei,
Ouvir as tuas lembranças e me conectar,
Me projetar em mundos que eu ainda queria vivenciar,
E te propor coisas que eu nem iria imaginar,
Pois eu só queria prolongar
A sensação de estar aí
No espaço que você
Provavelmente ainda chama de lar.*

*E que mesmo na minha partida,
Por vezes eu ainda sinto uma ferida,
Da vida, muitas vezes percebida,
Que me faz querer pensar em tudo
Que não foi, mas também
Construiu um vazio de tudo que não fica.*

*Fechar os olhos e não me sentir mais perdida,
Lembrar dos momentos que trocamos,
em que nos teus braços eu fui sentida
Percebida no toque, porém seu coração
Estava lacrado, sem entrada, nem saída
E passou
Deixando só por aqui o que restou,
essa admiração de longe,
de uma projeção que fiz, torcendo
Para ver o seu e o meu final feliz.*

*Sinceramente,
é uma pena que você nunca lerá esses meus versos,
Versos que te escrevi, em mais um dia em que eu me perdi.
E os meus sentimentos, guri?
Sinto muito a minha última oferta, mas
Eu só queria me lembrar do que me conectou e*



Ainda não saiu daqui, do meu peito,
E das lágrimas que de vez em quando surgem
E eu tento suprir com algo novo para me (pre)encher.

Preencher algo que não muda,
Que nem mesmo com a minha melhor fuga
Eu imaginei que iria sentir.

Desculpe, eu sei que você precisa seguir,
Mas espero ainda um dia te re-ouvir
E sigo torcendo que você se conecte com o que eu vi
E senti aqui, em algum lugar, em mim.

Obrigada pela nossa última partilha,

Gabriela Rabello

Pulso firme

O amor, que é isso
que transmuta as prévias crenças
e desloca o vivente a um
outro lugar,
sabe do que é capaz .
O amor, que respira
ao contrário
e num salto
prende o ar,
ameniza a asfixia
de não saber o que encontrar.
e me encontra.
O amor, que é essa força
entre as costelas
que empurra a carne
para cima e para baixo
fazendo a gente
respirar.
mesmo embaixo d'água.
O amor, que vai e vem,
de novo e de novo e
mais uma vez,
jura que não volta,
mas volta.
sempre volta.
e se deita.
simplesmente, deita.
O amor, que deitado escorre,
alcança as pernas que
tanto caminharam
e correram ávidas
por um pouco de sol.
e do sol quente
escala a boca,



que bebe sábia e sadia
o tanto que pode
e aguenta.
O amor, que sobe e desce,
nos levanta e aquece,
sem esforço,
nos diz que esforço
é algo empregado
para que ele possa parecer
natural.
E a gente, que entende
tudo ao contrário,
pensa que natural
é a regra
e se esforça para
não se esforçar,
perdendo os pontos no caminho,
ficando no mesmo lugar.

Hellena Leão

Terra brilhante, céu profundo

Antes de tudo, havia apenas Ar e Umidade. E se encontraram. Dançaram a dança cósmica dos encontros mais profundos. Criaram movimentos a cada encontro, ora fúria, ora afeto e, às vezes, ambos misturados em um mover-se contínuo e ininterrupto. E seguiram assim. Em algum Tempo, tentaram separar-se e perceberam que já não era mais possível. Estavam fatalmente interligados. Gostaram da conexão que criaram e em seguida nem tanto e depois, de novo, gostaram um pouco mais. Seus corpos imensos tomavam as formas que escolhiam. Eram tantas formas e cores! Ah, o êxtase de ser quem eram naquela imensidão do universo em um fluir incessante seguiram experimentando-se. Juntos criaram além dos movimentos, descobriram que podiam criar um pouco mais. E foi assim que nasceram, ao mesmo Tempo, Noite e Terra.

Seus geradores contemplaram suas criações e não pararam por aí. Os envolveram com ternura cósmica. Noite e Terra sentiram e nutriram-se de todo esse afeto por eras. Incrivelmente iam conhecendo a si mesmos, uma ao outro e vice-versa. Terra foi percebendo suas camadas, sentindo seu tamanho e sua profundidade. Aos poucos ele percebeu seu calor interno, sua fonte central de energia. Sentiu e experimentou-se transformar internamente, mas também sua superfície. Foi assim que lentamente brotaram fungos de sua terra escura, tecendo uma rede elétrica-neuronal em diálogo com um mundo das plantas que também germinava permanecendo dentro do solo da superfície. Seus ossos, feitos de rocha, admiravam sua obra de encarnação e sorriam para ele. Com contento os observava seu gerador Ar e sua geratriz Umidade.

Enquanto isso Noite estava muito ocupada a conhecer seu imenso corpo celeste. Quantas estrelas a habitava. E todo aquele céu imenso era ela. Como lhe custava acreditar e às vezes se cansava do seu corpo tão brilhante. Foi lentamente aprendendo a aumentar ou tornar mais opaca a emissão das estrelas. Tudo dependia de como ela se sentia e assim foi fazendo um ajuste fino. Logo deu-se conta que podia fazer mais. E passou a conversar, conhecer e cuidar de cada estrela do seu céu. Quantas histórias escutou dela mesma. Não se cansava de aprender de si. A escuta atenta a ambiência brilhante tornou-se seu cotidiano. Pouco tempo depois, passou a dar mais atenção aos espaços entre as estrelas. Quanta escuridão! Afinal, percebeu que aquele mistério era infinito, tanto quanto a história de cada uma de suas estrelas. Gerador e geratriz mais uma vez contemplaram Noite e sentiram paz ao vê-la encontrando seu próprio caminho.



Eis que chegou um momento em que Noite mirou Terra. Terra observou Noite. Seguiram assim em movimento silencioso que pouco a pouco transformou-se em dança. Em seguida, ouviam-se estrondos e todo tipo de som nas mais diversas frequências. Cada vez ficava mais alto e Noite foi percebendo que algo mudava, já não era mais a mesma. Percebeu que chegava mais uma estrela de dentro do seu corpo, no entanto, era diferente de todas as outras. Terra sentia que algo mudava e pacientemente esperava emitindo uma frequência rosa esverdeada de pleno afeto. Noite sentia-se inquieta e confiante, moveu-se em ondas ritmadas e percebeu que era hora de parir. Assim chegou Sol e com uma respiração profunda emitiu seus primeiros raios dourados. Noite alegrou-se com sua criação, sentia-se tão diferente, havia renascido. Terra sentiu como a presença de Sol o transformava, sua superfície começou a mover-se e germinar sem parar.

Ar e Umidade abraçaram-se num enlace diferente e desse afago caíram gotas, era Chuva quem chegava com seu bailado. O abraço foi tão profundo que chovia bastante, e Terra recebia toda aquela água e a acomodava para que pudesse fluir continuamente. Uma verdadeira festa acontecia, orquestrada com maestria quando cada um e uma oferecia o seu melhor e aceitava o seu pior.

*História inspirada na cosmopercepção de criação do mundo de Kemet, Egito Antigo.

Juliana Oru Melo

Amor Fácil

Ele queria um Amor Fácil
Que não exigisse nada
Que sua mesmice e fragilidade não fosse abalada
Como um parasita grudado em sua vidinha caseira
Em seu apartamento cheio de móveis antigos
Mal sabia ele que havia se transformado num idoso de 95 anos
Que já não sabia mais o que um coração aflito e acelerado é capaz de
provocar num ser humano em desespero
Se movendo de um lado para o outro
Flutuando dentro de seu Apartamento
Seu coração descolado do corpo
Procura desesperadamente uma janela para Voar

Amar sem Pensar

Mal sabia ela o significado de Amar sem Pensar
Pensou na verdade que seria uma espécie de sentimento frugal
Quando se deu conta, quebrou a cara e o coração
Pouco sobrou da vontade de Amar sem Pensar
Enlouquecida pelos danos colaterais que havia lhe provocado esse
Amar sem Pensar
Que no fim se tornou uma constante cólera quase insuportável ao
ponto de desistir completamente dessa ideia de
Amar sem Pensar

Amor Partido

Da primeira vez eu fugi, fugi como quem foge de si mesma
Percorri 30 anos com o coração em chamas, uma dor que dilacerava
meu ser
Pena senti do meu coração, que nada podia fazer, pois eu, havia
escolhido fugir
Da Segunda vez me entreguei, para esse mesmo amor
Com a alegria que fez meu coração bater de outro jeito que não havia
ainda batido
Mal sabia ele que não iria durar



Bate acelerado
Bate enfraquecido
Bate descabido
Bate de um jeito melancólico
Quase parando de bater
Esse é hoje meu coração partido
Esperando a terceira vez para quem sabe finalmente bater pra valer
Por esse Amor que quer viver e não morrer

Fragmentos

Quando te escrevi, meu sonho era doce como a Lua
Meus desejos eram sinceros como os Espelhos
Eu queria te levar pra caminhar comigo
Eu queria deitar minha cabeça sobre teu ombro
Eu queria sentir o vento atravessar minha alma
Eu queria que fôssemos dois pássaros pra voar sem rumo
Eu queria simplesmente te Amar
Eu queria espalhar algumas partes do meu ser e me fixar em ti
Fragmentos do Amor que quer viver
E o inverno sempre traz o beijo da Morte

Madalena Junges

Caminho.
Encontro você.
Vejo você.
Escuto você.
Sinto você,
 Triste. Cansado. Sem rumo.
Silêncio.
Abraço você.

Meu desejo secreto:
Que você se sinta bem e seja feliz,
Ainda que agora não se sinta assim .

Marize Vargas



Das possibilidades

Queria pensar que a vida oferece inúmeras possibilidades diante um dilema e, que vez ou outra, é possível acertar exatamente qual o caminho certo, já que ingenuamente, presumimos que temos diante de nós várias alternativas. Mas eu era devota, equivocadamente, de outra lógica. Acreditava que esse jogo mordaz do universo era binário. Tratava-se do sim ou do não frente às circunstâncias. Algo para facilitar a vida dos pobres humanos que mal sabiam distinguir nuances de cores, muito menos escalas de cinza. Incluía-me nessa categoria.

Naquela época, quando julguei entender o jogo da vida, tomei como sendo aquela a minha verdade, e me pego, hoje, pensando nas muitas bifurcações com que me deparei. E se eu tivesse me posto a escutar mais a mim mesma, coisa que nos meus 17 ou 18 anos certamente não achava tão interessante? Preferia ouvir a voz de fundo de um mantra inventado por mim, que incessantemente dizia para eu não me apegar a nenhum sentimento que pudesse me enfraquecer. Se antes, naquele tempo remoto, eu entendesse melhor das coisas, talvez pudesse ser mais cuidadosa em relação aos meus desvios.

Quando conheci aquele garoto com o par de olhos verdes que lembrava um abismo sem fim, eu sabia que poderia me perder ali. Obtusa, apenas vi o que queria ver. Ele sempre vinha contido, caminhando ao meu lado, numa cautela disfarçada de timidez. Tinha uma pele quase translúcida, uma palidez que me lembrava uma melancolia que eu sentia gana de aplacar. Por isso, me punha a falar, a falar e a falar, como se precisasse preencher os silêncios que iam se formando à medida que os passos avançavam, e eu sabia que nosso tempo acabaria. Pelo menos naquela noite. No dia seguinte, tudo se repetiria.

E eu ansiava pelas palavras não ditas e pelos vazios que não eram preenchidos. Até que se bastaram, e tudo que falávamos ou desconversávamos tornava-se suficiente para encher as noites e os dias.

Meus monólogos passaram a ser diálogos acalorados e discordâncias descaradas, apenas para deixar sublinhado que cada um de nós estava bem ciente da presença do outro. Era uma dinâmica nossa, ao mesmo tempo estimulante e reconfortante, na medida que sabíamos que jamais pronunciaríamos as palavras que queriam saltar para fora.

Além do duelo verbal, nossas bocas nunca se encontraram. Tampouco as nossas mãos, ou nossos corpos, que apenas uma única vez ficaram tão próximos que ossos, veias, peles e sangue se reconheceram como num ritual ancestral e ficaram ali, pulsando ao som da música que vinha do aparelho de som gradiente tocando *A whiter shade of pale*. O ritmo era lento, contrastando com os meus batimentos e os dele, que eu ouvia retumbando em meus ouvidos. Eu não falava inglês, mas percebia o sentimento. A letra resumia: “Disse ela, ‘Não há o que discutir’ / A verdade é evidente, pode-se ver”. Entendi



por ali o resto da nossa história. E breve como a música que nos embalou, foi o tanto que duramos.

Doce e suave, mas ao mesmo tempo, ferino, ele tinha uma descrença no olhar que eu conseguia apenas pressupor, sem decodificar. Eu era fúria, urgência, tempestade e ventania. Não poderia ser represada pelas mãos de quem quisesse me conter. Porém, a conexão existia, estava ali. Era real. Talvez, apenas não era tão imperiosa quanto a inevitabilidade do destino.

E assim, como água que corre seu curso natural, fomos seguindo nosso fluxo, cada um para um lado, deixando nas mãos de um acaso algo que pudesse nos unir, quem sabe um dia, um futuro, como em algum universo paralelo onde a lua coexiste pacificamente com o sol.

Meire Brod

Olhar atento ao amor

Percebi uma forma de unir nossos pensares
Ouvir nossos pesares
Sem pesar nossa comunhão
Essa forma mística e real
de olhar pra mim
pra ti e pra nós
Atando o que deve ser selado
Desatando o emaranhado
Minha forma única
de perceber mudanças,
andanças,
quais passos posso ouvir ao caminhar
É forma e sentido,
Mais que palavras num cartão
O crescimento e a mudança
tocando nossas mãos
Amor é forma de ser:
gente, coletivo, luta e pulsação.

A-M-O-R

Agora **M**esmo **O**uvi **R**umores
Assim **M**eio **O**rvalhados **R**asgados
Assunto **M**isterioso **O**ndas **R**aios
Ampliando **M**ente **O**ração **R**uas
Assisti **M**aravilhas **O**lhos **R**itmos
Amarelos **M**arrons **O**utonos **R**ios
Andei **M**usiquei **O**uvi **R**i
Apareceram **M**edos **Ó**dio **R**aivas
Armei **M**ãos **O**bservando **R**eceios
Abracei **M**ulheres **O**uvi **R**isadas
Agora **M**esmo **O**uvi **R**umores...

Melissa Costa Danda

Mãe...

Leia-me como for capaz,

Fisgo memórias... na transmissão das letras/imagens,

Leitura que não passa necessariamente pelo que se é capaz de soletrar, escrever sobre o papel,

Mas

Por laços/afetos/lugar/pertencimento compartilhado,

Momentos, amor mútuo/intimidade... e neste horizonte... neste céu vamos nos encontrar,

Tentei recriar o real/o banho da infância...do passado de décadas,

Espero que ao me ver banhar-me sinta o frio que me toca neste encontro de céu/terra... (imagem de mim)

Deixo nosso encontro registrado nesta carta/imagem, contigo mãe...

Ao retornar nosso registro/leitura, me transformo em palavra/imagem para que...

Me veja,

Me perca,

Não me entenda...

Apenas arrisque-se comigo por mais alguns minutos de eternidade,

Dentro da bacia de alumínio... solidão...silêncio

A água que me lavo, com cheiro de laranja... espero que sinta o perfume, a umidade e o conforto.

Nosso amor se dá no elo que criamos, somos uma corrente de mulheres que compartilharam abandonos, rejeição e por vezes tiveram que ser o que a noite permitiu...

E neste regressar, agora somos pontes...

Já não sou mais eu que me banho,

Banha nos com teus olhos...e lágrimas neste reflexo coletivo, inflexão de si

Banha nossas feridas,

No íntimo queimo, nesse entardecer frio do inverno no pampa gaúcho.

Olho para o horizonte agora parte de nós, despedaço-me no tempo,

Me esfacelo no céu... eternizo a imagem num papel/eu/outro/nós/nada/medo/sonho,

Me diluo, dilúvio da matéria... entardecer de mim,

E aguardo junto aos pirilampos e mariposas...o amanhecer,

Que minha existência neste momento nos permita resistência em teus/meus olhos e que possamos nos ver horizonte outra vez...outra vez...outra vez

Em carne...terra... céu, nos olhares de nossas irmãs/filhas/netas/mulheres...

Michele Leguiça

Minha querida, Milene!

Volto a escrever, após dois anos da última missiva. Trago algumas respostas, onde o Amor é o indispensável protagonista. Como escreveu Richard Bach (...demonstrar o amor era compartilhar algo da verdade que havia visto.)

Na lembrança daquelas últimas linhas: *maré estava alta, cheia de emoções nunca vividas, novidades, inquietudes, vontade de ajudar, dar a luz... bah! Mas já dei a luz! E agora, tenho que dar tempo ao tempo? Fácil falar, difícil parar de pensar... quem é o teu dono, senhor tempo? Como não sei... é preciso boiar entre dias e noites, calor e frio, ventos, tempestades. A tempestade é efêmera, preciso estar certa!*

Tu estavas certa! Aprendeu que a tempestade é efêmera, o AMOR é sempiterno. Às vezes, em meio à tormenta, ficamos com a visão embaçada, então o que vem de dentro é a salvação da alma, que se quer presente, agindo e construindo um alicerce que abrigue dor e alegria.

Tinhas afirmado que - *intenções não salvam vidas, atitudes sim.* Agora, pensando para além de mim, percebo que se nos restringíssemos à intenção de auxiliar, provavelmente não haveria progresso na acolhida do que se impunha: novo jeito de encarar a vida, as nossas vidas. O Amor da Família em movimento, através das atitudes de ampliar o conhecimento, escutar, escutar e escutar, agir como no passado em diferente circunstância, tal qual o desafio da maternagem. Literalmente embalamos a metamorfose.

Foi assim, ao menos comigo, que é de quem posso falar, com intimidade. Sofria muito, por ver uma querida sofrer, tive a necessidade de me parir. Não apenas isso, mas ao mesmo tempo, saltar do nascimento à maturidade, num piscar de olhos. A certeza da necessidade imensa e indispensável deste inusitado processo gestacional.

Amar nos desafia a uma eterna construção, a aceitar o novo, buscando o já agregado dentro de nós e, assim, andar junto num caminho de luz e de paz interior. Quando aceitei minhas limitações e possibilidades, me tornei suficientemente forte, corajosa para manter este Amor cada vez mais vivo e criativo.



O Amor, a grande descoberta, a primeira forma para sobreviver às tempestades, na esperança de ver o sol raiar novamente para todos nós. Ousei falar em nós, pois foi pelo movimento do amor que vem de dentro, que conseguimos nos reerguer para compreender e respeitar o tempo do outro, a exercitar o amor incondicional. Aliás, condições são grandes armadilhas, que depõem contra o amar.

Foi preciso plasticidade, fugir das conservadoras opiniões alheias, sobretudo, usar o nosso Amor mútuo, para amparar com infinito carinho. Ah, nesta espiral de pensamentos e emoções, as amizades foram fundamentais, como o timão é para o leme. A vida é uma arte de estarmos juntos, como numa ciranda.

Posso dizer com certeza que a Vida é um fluir, o Amor o imperioso fluído que a movimenta e constitui. Dá-nos esperança, nos faz feliz na medida em que o outro assim o está.

Com carinho, agora muito mais feliz !

Milene de Oliveira Bordignon

Soneto do Manifesto

é muito mais que simples querer bem,
afeto ou romance ou paixão
estar ao lado sem oscilação
amor é verbo, viver, é ação

mesmo que não haja concordância
pai, mãe, namorado, irmão, irmã
o amor é loucura e divã
se dar, é escolha e constância

o amor não está, o amor é
persiste, insiste em existir
não vacila. E nos mantém de pé

generosidade, é sossego
amigo, ouças meu manifesto
que ames de verdade, sem medo!

Neyla Machado



O Mergulho

Já experimentou parar de respirar? Às vezes tranco minha respiração sem perceber. Viver cheia, o tempo todo, não serve pra mim. Preciso destes momentos de solidão. Aprendi a mergulhar aos cinco anos. Prendia a respiração e descia até o fundo, me chacoalhando para permanecer embaixo d'água. Com o tempo, fui ficando boa. A descida era cada vez mais fácil e, curiosamente, prazerosa.

A verdade é que a vida submersa sempre me encantou. Meu desafio era estar lá o máximo de tempo que conseguisse. Ela não ligava, e também nunca mergulhou comigo. Tinha medo de água. Dizia, “vai ficar tonta”.

Tonta eu fico quando respiro demais.

Buscava nos mergulhos alguma coisa de mim, imaginando uma fantasiosa completude ao me apossar de minha outra identidade – às vezes um ser mitológico, outras vezes o maior mamífero de todos.

Já a subida era dura. Toda volta brincava com minha inocência, como quem oferece o rosto para um beijo e toma logo um tabefe. Assusta, mas caleja.

Que ânsia. Que revolta. Que solidão. Continuava nadando. As águas são mais calmas depois da arrebentação.

Quantos metros cúbicos haveria aqui? Nem molhar os pés, mãe? Não está tão fria. Vem! Desculpa, eu não quis te molhar.

Faz algum tempo que não tenho mais cinco anos, ainda que, incontáveis vezes, eu volte para essa idade e te veja sentada em uma cadeira de praia, com óculos escuros e um chapéu enorme. Na sombra. Seca.

Eu quis sim. Quis te encharcar. Te ver ensopada de felicidade. Comigo.

O medo que tinha de te molhar... a vontade irresistível de pular – acidentalmente – perto de ti... o ápice da minha infantil coragem em sacudir meu corpo e respingar meu amor por ti, como uma sereia exibida que precisava ser notada... Era eu aos cinco, aos dez, aos trinta.

Era eu te buscando nas profundezas do teu sarcasmo, das tuas contradições, dos teus medos.

Posso respirar contigo. Não tem mais lado certo, não tem mais idade, não tem mais limite. Não fico mais tonta. Prometo, não vou te molhar. Construí uma roupa, mãe. Pra ti. Não vais sentir nada. Faça calor, faça frio, seguirás neutra. Prometo.

De quê? Dos teus sonhos esquecidos. Achei nesses mergulhos. Fiz pra ti. Juntei os pedaços e teci. Ano após ano. Acho que está pronta. Sim, talvez um remendo ou outro. Mas vê, é preciosa. Veste, é tua.

Estás tão forte vestida de coragem. Me vi em ti. Podemos, enfim, mergulhar?

Ohana Homem

Breve crônica do amor e suas improváveis brotações

Nas ruas do Porto dos Casais, pouco alegre, tem tantos desamores, sobretudo aos desamáveis da rua, mulheres pretas, corpos e mentes à deriva nas calçadas. bell hooks nos lembra de que o amor é ação. Ele brota fortuito nas parcerias de J&J, que se cuidam, dormindo na esquina, no mesmo papelão, e ainda sobra amor para a filhota de quatro patas que lhes faz festa quando chegam com sua ração ou lhe carregam no carrinho de coleta. Amor da mulher preta que pede para si e para outra que não tem forças para pedir nem sorrir. Assim esse amor afrontoso, frágil, efêmero, andarilho ronda nossas lixeiras, espreita a impávida indiferença, o rançoso asco. Brota ação!

Paulina dos Santos Gonçalves



O amor quando acontece

Eu acredito no amor! No amor possível e nos amores impossíveis também. Vivo, vejo, sinto e escrevo sobre o amor. É meu tema favorito.

Algumas vezes a gente fica pareando o amor com o sofrimento. Mas nessa história não há espaço para dor. É a história de um encontro que selou um amor de almas para eternidade. Um amor de gente de carne e osso e coração. De buscadores que seguiram com as mãos entrelaçadas e com o olhar na mesma direção. Porque o amor fortalece e também é construção.

Porque o amor quando acontece ele dilui a nossa dor. O amor diminui a dor que sentimos. Não elimina a dor e o vazio (pois esses são intrínsecos a nossa espécie).

A maior parte das vezes ele vem de repente...um carrossel de emoções, que giram e giram dentro do peito. Mas mutante que é, não podemos tocá-lo. Ele é feito para sentir e partilhar. E esses dois fizeram isso com maestria.

PARTE 1 – O ENCONTRO: E eles se olharam pela primeira vez. Ela com 17 e Ele com 20. Ao som de rock ‘n’ roll esse amor foi embalado. No primeiro momento, estavam numa festa na oficina de um amigo do pai dela. O guri ensaiava com sua banda bem do lado da oficina. Para encontros predestinados o Sr. destino sempre dá uma força a mais.

Ela o viu de blusão preto com um medalhão dourado no pescoço. Todo garboso.

Ele viu nela a beleza de Afrodite.

Poucos meses depois, chegou o tão esperado carnaval na praia.

Ele: a la Elvis (topete e suíça). Ela: musa, estilo Brigitte (blondie e dourada).

No carnaval, ele, que era o cantor e baterista da banda principal, se encantava ao ver ela passar...

Parte 2 – O DESENCONTRO: Aquele carnaval acabou, mas uma foto dela o acompanhou por um ano. Um certo dia, ele saiu do ensaio da banda de rock, se vestiu de coragem e foi até o colégio da guria. Ele não a encontrou, mas ela o viu indo embora com seu casaco de veludo verde.

PARTE 3 – OS DISPOSTOS: Sabe de uma coisa, o amor é para os dispostos. E ele, num DKV novinho, seguiu confiante até o Jardim Olímpico onde ela morava. Chegando no prédio América, foi convidado para um café da tarde. E continuou aparecendo por lá, cada vez com uma nova desculpa. Porque o amor é um presente, e precisa se fazer presente dentro dos enamorados.

Após dois anos de namoro, a pediu em casamento. O pai da moça respondeu o seguinte: - Já não era sem tempo. Sim, era um outro tempo, com mais cerimônia e ditames da

sociedade, mas para o amor nunca houve regras rígidas. Os dois dispostos a viver esse amor se casaram em 1973. A banda de rock dele tocou na festa de casamento, e ela dançou como se não houvesse amanhã... mas houve e ainda hão de vir muitos amanhãs para eles, juntos. Num amor que uniu esses dois corações, num só caminho. Porque o amor é para trilhar a vida. E ele é feito de proximidade. Por fim, bebendo da mesma ideia de grandes poetas, penso que: o amor quando acontece “É um estado de graça”.

Pri Cezaro



Amor sem rima

Amor, um dos deuses mais belos
e antigos. Nasceu sem pais,
depois do Caos.

Amor não se sabe, se supõe,
Tangencia o inefável,
Se desvela do real.

Amor em poesia e em prosa
se revela e se esconde,
em letras legíveis e nas rasuradas,

Amor continente e além-mar,
de vida breve e vida longa,
instante e instável.

Amor que falta e transborda,
promete, se pronuncia e inesperadamente
se esquiva.

Amor não tem nome,
não tem forma, nem pólis.
É um deus errante-camaleão.

Salete Pinheiro

Parte I

Cá estou tentando compreender o que é o amor
Ou melhor, tentando aumentar a minha percepção sobre o que é o amor
Admito que tenho alguma noção do que seja
Mas cheguei a um momento da minha vida que o que conheço sobre amor é incipiente
Quero mais
Querer
Creio que tal verbo tenha relação com amor
Pois quem não quer amar coisas, pessoas, momentos?

Parte II

No passado, não tão distante, estava em busca do significado do que de fato é o amor
Considerando sua complexidade e as múltiplas situações em que pode surgir
E que no garimpo da vida conseguiria encontrar finalmente uma resposta
Durante a trilha/definição noto que está aqui
Está aqui e agora
Está em mim
Está nos meus ancestrais
Está no conjunto de saberes que sintonizam na mesma frequência e que inexplicavelmente formam um encontro simbiótico
O amor é também a libertação de si e do outro
Mas antes disso, uma ação.

Vanessa Silva da Cunha



An aerial photograph of a coastline. The top half shows a light blue, sandy beach with some green vegetation. Below the beach is a dark blue bay or inlet. The bottom right corner shows a darker, more textured area, possibly a forest or a different type of terrain. The text 'FORA MASA' is centered in the lower half of the image.

FORA MASA

<https://www.todasescrevemos.com/>